

SER PARA RECONHECER-SE ENSINANTE¹

Evelise Maria Labatut Portilho
Isabel Cristina Hierro Parolin

Reencantando o contexto

Em meio a inúmeras maneiras de viver e conviver que nos proporciona a sociedade atual temos tido de recriar as formas de aprender e de ensinar. Sair do papel de professor que professa um ensinamento para o ensinante, que provoca e media aprendizagens de diferentes matizes. No entanto, acreditamos que esse recriar deva acontecer com o olhar do encantamento. Por isso entendemos o espaço da aprendizagem e do ensino como um contexto de reencantamento, como sugere, também, Assmann¹ em seu livro “Reencantar a educação”.

O reencantamento da educação requer a união entre a sensibilidade social e eficiência pedagógica. Portanto, o compromisso ético-político do/a educador/a deve manifestar-se primordialmente na excelência pedagógica e na colaboração para um clima esperançador no próprio contexto escolar.

Ter esperança quer dizer que necessitamos perceber a realidade com sensibilidade social e com a competência pedagógica necessária para alicerçar essa virtude.

Vivemos um momento histórico difícil de ser vivido.

A complexidade das relações, das experiências, das ciências e das informações leva-nos à percepção da vulnerabilidade dos nossos novos tempos.

Se pensarmos que o ser humano sempre foi um complexo a ser desvendado, se pensarmos que a sociedade sempre acolheu e reproduziu essa forma de entender e de viver, poder-se-ia perguntar: o que mudou?

Mudou a forma de entender esse sujeito e a forma de viver nessa sociedade.

Sujeito e sociedade são entendidos de forma complexa, cuja parte e o todo são considerados únicos e ao mesmo tempo submetidos a lógica temporal, histórica, cultural, ética, planetária, que nos remete a um sujeito singular e plural.

Edgar Morin² facilita o entendimento de complexidade quando afirma

(...) com a palavra “complexo” não estamos dando uma explicação, mas sim assinalando uma dificuldade para explicar. Designamos algo que, não podemos realmente explicar, vamos chamar de “complexo”. Por isso é que, se existe um pensamento complexo, este não será um pensamento capaz de abrir todas as portas (como essas chaves que abrem caixas fortes ou automóveis), mas um pensamento onde estará sempre a dificuldade.

A dificuldade de vivermos o momento histórico contemporâneo e a dificuldade que nos traz Morin reside em não se considerar os fenômenos e suas conseqüências de forma simplória ou simplificada, mas sim de analisar e avaliar o máximo dos diferentes

¹ Artigo publicado na Revista Psicopedagogia, vol. 25, nº 76, 2008.

elementos que compõem uma determinada situação. É por isso que, mais uma vez, propusemo-nos ao desafio de, juntas, darmos um passo adiante na trajetória da formação de professores vinculada a nossa própria formação, como sujeitos do mundo e para o mundo.

Como psicopedagogas e formadoras de professores, agregando os conceitos do entorno da complexidade e pensando na construção de trajetórias possíveis e competentes, consideramos que o movimento de conhecer-se para conhecer é uma maneira de atender as demandas viáveis desse momento. Nessa perspectiva, retomamos a afirmação colocada em artigo anterior e que serve de disparador para essa nova reflexão.

Acreditamos que para ser psicopedagogo, ou mais ainda, um ensinante que cumpre a sua tarefa social de provocar aprendizagens, necessita reconhecer a trajetória de suas aprendizagens, identificar-se nesse reconhecimento e autorizar-se a efetivamente ensinar³.

Após três anos pensando sobre metacognição e agindo nessa direção, nasceu a necessidade de explicitar, inicialmente para nós mesmas, e finalmente nesse documento, o quão viável é essa proposta e o quanto ela nos reconstrói como aprendentes e ensinantes.

Como toda reconstrução, as mudanças vão acontecendo e se instalando, convidando-nos a novas práticas, mais elaboradas e em linguagem contemporânea, mais complexa e articulada.

Quando nos propomos a trabalhar com professores e educadores, provocando-os a se conhecerem para poderem conhecer, deparamo-nos com o Ser.

Nasce a pergunta: Que Ser é esse que emerge da metacognição?

A experiência nos tem mostrado que é um Ser que se reconhece e se reencanta.

Em nosso trabalho inicial, a preocupação girava em torno do sujeito que aprende sobre o conhecer do seu próprio conhecimento, mas hoje nos propomos a refletir sobre o Ser que emerge a partir do sujeito conhecedor.

O Ser Conhecedor

Inicialmente, é importante diferenciar auto-conhecimento e alto conhecimento com o objetivo de deixar clara a nossa compreensão sobre os conceitos que alicerçam as crenças que fundamentam essa reflexão.

Por **auto-conhecimento** entendemos o movimento de tomar consciência de si mesmo, das dificuldades e das possibilidades desse estar sendo, sem com isso sentir-se, nem mais e nem menos, como pessoas. É reconhecer-se como um sujeito complexo, sempre diferente, porém o mesmo em sua humanidade.

O **alto conhecimento** nos remete a centralização do sujeito em si mesmo. A dimensão do outro fica subjugada ao seu próprio olhar. O outro é a representação das nossas subjetivações. O conhecimento passa a ser um instrumento de manipulação e não como material de construção de pontes que aproximam, libertam e conectam pessoas - gente que é. O pensar “já sei o que você vai me dizer”, ou ainda, “eu sei como é, pois eu já passei por isso”, passa, ao nosso entender, pelo viés da arrogância, do conhecimento acumulado e já estabelecido.

O exercício do auto-conhecer-se nos remete ao ser incompleto, inacabado, inquieto, incerto, infinito, inconstante e contraditório.

Em uma situação de evento, a palestrante estava dissertando sobre a necessidade de se ter coerência entre o fazer e o pensar, exemplificando a partir de situações em que se poderia pensar no sujeito de sala de aula como um ser planetário. Após a convincente explanação, exemplificada com riquíssimos exemplos, deu-se o intervalo. Uma professora que participava do encontro, perguntou à palestrante do que era feita a gola do seu belo casaco. “*De peles de coelhos*”, respondeu sorridente a palestrante. Com ar reflexivo, a professora retornou ao seu lugar. Após o encontro, ela deixou uma carta, pontuando para a palestrante o paradoxo entre falar de consciência planetária, responsabilidade social, atos educativos que deflagram outras aprendizagens e sua belíssima gola de peles de coelhos. Quantos coelhos foram necessários para a confecção dessa gola? – Perguntou a professora em sua carta. Esse episódio é real, foi vivido por uma das autoras e propiciou o refletir da coerência entre o dizer e o fazer. Resultou, ainda, em reflexões do quanto é difícil viver a partir do pensamento complexo, sistêmico, conectado com o outro e de estar na busca de equilíbrio teórico-prático.

Dentre as diferentes avaliações retiradas do ocorrido, está a constatação de que apesar de um caminho percorrido, ainda há muito a percorrer. Somos, ainda, muito do que vivemos e aprendemos anteriormente. Desfazer-se do homem velho que reside em nós, requer, além de vontade, conhecimento e boas parcerias. A atitude de encontro com o outro é possível, desde que tenhamos condições maturacionais para isso. Essas condições são possíveis no difícil exercício de encontrar-se a partir do encontro com o outro, que foi, exatamente, o que a corajosa professora do relato promoveu.

O aprendizado da auto-observação faz parte do aprendizado da lucidez. A aptidão reflexiva do espírito humano, que o torna capaz de considerar-se a si mesmo, ao se desdobrar... , deveria ser encorajada e estimulada em todos... Trata-se de exemplificar constantemente como o egocentrismo autojustificador e a transformação do outro em bode expiatório levam a essa ilusão, e como concorrem para isso as seleções da memória que eliminam o que nos incomoda e embelezam o que nos favorece... A aprendizagem da compreensão e da lucidez, além de nunca ser concluída, deve ser continuamente recomeçada (regenerada)⁴.

Para Ser Conhecedor, em um contexto de complexidade, necessitaremos, como já dito, do outro como parceiro, ora como nosso parceiro de caminhada no mesmo sentido e ora como o companheiro que vem na contra mão do nosso percurso. Melhor dizendo, estando junto, compartilhando ou em forma de quem contrapõe.

No exercício de se autoconhecer não se admite as habilidades de autoproteção, autovalorização e até mesmo, autoflagelo, o que resultaria no alto conhecimento.

As diferenças e os diferentes nos impactam como pessoas. Se provocarem a boa mobilização, propiciam a construção do Ser a que nos referimos nesse trabalho – o Ser Conhecedor.

Como reconhecer-se ensinante

Num contexto tão amplo e diverso, em que as informações, muitas vezes nos incomodam e nos desestabilizam, pois nos provocam a pensar por um outro lado, temos de nos posicionar. Esse posicionamento nos indica o “olhar” e o “lado” em que nos situamos hoje. Essa consciência nos dará os aportes necessários para percebermos quando devemos entrar com os processos auto-regulatórios.

Entendemos como processo auto – regulatório os procedimentos que o professor adota diante das situações não planejadas ou não pensadas, mas que não podem deixar de serem contempladas.

No entanto, quando se pensa em Ser ensinante, imediatamente pensamos em metodologias, técnicas, informações e conhecimentos. Contudo, o que vai determinar esse Ser como um ensinante, verdadeiramente, é a possibilidade dele Ser ele mesmo, um Ser em constante atitude dialógica, consigo e com o outro.

Não há como objetivar o ensinar uma pessoa a Ser. Esse ensinamento acontece em meio a outras aprendizagens, em circunstâncias diversas e até mesmo de forma subjetiva. Temos visto que a sociedade educacional prioriza encontros, seminários e cursos que valorizam conteúdos sem uma ação direta, consciente e auto-reguladora de das partes envolvidas nessa ação.

Para desenvolver o Ser ensinante, conhecedor de si, necessitar-se-á de investimentos no percurso do Ser sensível – aquele que se manifesta, se expressa, se percebe em movimentos e em pensamentos e que tem a oportunidade de compartilhar suas percepções, fantasias, análises, medos, conquistas, crenças e descrenças.

Conscientes do papel de educadoras e com o desejo de fazer a diferença, podemos provocar situações de construção de pontes entre o professor que ensina e aprende e o aluno que aprende e ensina, mediados pela competência relacional e pelo conhecimento que motiva o encontro.

Diante dessa situação, não temos um Como pré-estabelecido, mas os caminhos já percorridos por nós e por nossos pares.

Reconhecemos-nos ensinantes do Ser Conhecedor quando...

- Favorecemos, na formação inicial e continuada do professor, a redescoberta da sua identidade como um sujeito importante e necessário na sociedade da aprendizagem;
- Propiciamos em seus espaços de trabalho momentos de reflexão que passam pela análise da ação do professor e suas repercussões;
- Criamos e desenvolvemos seminários, encontros que tenham por objetivo contemplar o Ser sensível.

Ser para reconhecer-se ensinante

Quando nos formamos professores, aprendemos que o outro tinha um comportamento previamente estabelecido. O sujeito era conhecido e se agrupava em algumas modalidades já conhecidas pelos mais experientes.

Hoje, sabemos que as pessoas são tão múltiplas quanto diferentes são as formas de expressão no mundo. Para bem conviver a partir dessas premissas, e sem perder o foco que nos é peculiar – a aprendizagem -, aprendemos a aceitar o outro a partir do que ele é e não mais de como gostaríamos que ele fosse.

Nosso aluno e nosso professor não devem ser mais idealizados, mas conhecidos e conhecedores.

O cantor e compositor Lenine, canta e encanta com a música Vivo (CD in Cite), fazendo-nos desejar consciência e sensibilidade como na letra abaixo

Precário, provisório, perecível;

Falível, transitório, transitivo;

Efêmero, fugaz e passageiro

Eis aqui um vivo, eis aqui um vivo!

Impuro, imperfeito, impermanente;
Incerto, incompleto, inconstante;
Instável, variável, defectivo
Eis aqui um vivo, eis aqui...

E apesar...
Do tráfico, do tráfego equívoco;
Do tóxico, do trânsito nocivo;
Da droga, do indigesto digestivo;
Do câncer vil, do servo e do servil;
Da mente o mal doente coletivo;
Do sangue o mal do soro positivo;
E apesar dessas e outras...
O vivo afirma firme afirmativo
O que mais vale a pena é estar vivo!

É estar vivo
Vivo
É estar vivo

Não feito, não perfeito, não completo;
Não satisfeito nunca, não contente;
Não acabado, não definitivo
Eis aqui um vivo, eis-me aqui.

REFERÊNCIAS

1. Assmann, Hugo. **Reencantar a Educação - Rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 34.
2. Morin, Edgar. Epistemologia da Complexidade. In: Schnitman, Dora Fried (org.). **Novos Paradigmas, Cultura e Subjetividade**. Porto Alegre: Artmed, 1996, p. 274.
3. Parolin, Isabel; Portilho, Evelise. Conhecer-se para Conhecer. In: Scoz, Beatriz Judith Lima (org.). **Psicopedagogia. Um portal para a inserção social**. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 128.
4. Morin, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma e reformar o pensamento**. 11° ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 53.
5. Lenine. **Vivo**. CD Lenine inCité. [São Paulo]: MTV, 2004. 1 CD, faixa 2.